

# Fundação Calouste Gulbenkian

## Conferência sobre: “*Momento, de Karlheinz Stockhausen*”

10/11/2011, 19h

### A dimensão erótica em *Momento*.

(...)

Até ao final da sua vida, Stockhausen falava abertamente da sensualidade e do desejo; a dimensão erótica esteve presente ao longo de uma grande parte da sua obra, a partir do momento em que se liberta das grandes preocupações técnicas e estéticas que marcaram os anos cinquenta. A sua grande obra do início da década seguinte, *Momento*, é baseada (1) numa carta de amor da sua mulher, na época, (2) em fragmentos do *Cântico dos Cânticos* (fragmentos de grande sensualidade) e ainda, entre outros, (3) nas palavras rituais de uma tribo das Ilhas Trobirand, a Oriente de Papua Nova Guiné, que Stockhausen conheceu através de um livro cujo título é elucidativo: “*A vida sexual dos selvagens no Noroeste da Melanésia*”. No ritual a que a passagem faz referência, os indígenas dançavam numa espécie de transe gritando as palavras “*Kala Kasesa Ba’u*”, ou seja: “*vede: este é o clítoris de Ba’u, Oh, Ba’u, é o teu clítoris, é o teu clítoris*”.

Não é certo que a representação de um ritual erótico seja aqui sinónimo de uma música erótica – porque talvez a alusão seja mais ao ritual étnico que à sexualidade explícita nas palavras. E eu devo dizer que em *Momento*, a grande alusão a uma certa dimensão erótica estabelece-se de um modo muitíssimo abstracto. Na época Stockhausen estava a viver uma relação passional fortíssima com a artista Mary Bauermeister; foi essa relação que o levou a terminar o casamento com a sua primeira mulher, Doris. Na verdade, a obra faz um retrato de Mary, de Stockhausen e de Doris, cada uma das personagens espelhada numa das três partes da obra – cada uma delas associada à letra inicial do respectivo nome. Como se trata de uma obra aberta, a parte M (Mary) e a D (Doris) podem permutar-se entre si, podem circular, trocar de posição; a parte K (Karlheinz), essa, fica sempre ao centro, entre as duas.

Claro que este puzzle formal insinuante não se ouve como tal, mas exprime-se tanto quanto a linguagem e o estilo musical o permitiam. Este entrecruzar das duas mulheres acompanhará, de resto, Stockhausen até ao final da sua vida e obra: em 2005, a escassos dois anos de nos deixar, o mestre compõe uma das suas peças mais admiráveis, uma verdadeira

Primavera tardia, **Freude**, para duas harpas – e, necessariamente, para duas harpistas. Embora tenha sido estreada na catedral de Milão, para o Pentecostes e a partir do magnífico “Veni Creator Spiritus”, o seu propósito não é somente evangélico, porque, escreve Stockhausen: *“decidi também pôr as duas harpistas a cantar – alternadamente ou juntas – o texto principal do Pentecostes, Veni Creator Spiritus, ao mesmo tempo que tocam, dedilham, acariciam, afagam, beliscam, roçam, arranham, batem, percutem e rejubilam.”*

(...)